

APRESENTAÇÃO

CORPO E ESPAÇO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nécio Turra Neto

Professor do Departamento de Geografia da FCT/UNESP

E-mail: necio.turra@unesp.br

Em primeiro lugar, é importante falar que é uma honra e um grande prazer fazer parte deste dossiê temático do Caderno Prudentino de Geografia (CPG), na qualidade de apresentador. Tarefa que tomei como um trabalho de grande responsabilidade, pois me coloquei no papel de ler os textos, fazer uma síntese e identificar as possíveis articulações entre eles. Também vi nesta tarefa a possibilidade de recuperar e atualizar uma reflexão sobre o corpo como espaço, estabelecida em outro contexto de debate, mas que aqui faz todo o sentido, uma vez que boa parte dos textos dá certa centralidade à dimensão do corpo, seja ele próprio considerado como um espaço, seja como perspectiva privilegiada para compreender a sua produção.

Nesse sentido, antes de passar aos textos em si, trago algumas rápidas considerações sobre a forma como tenho compreendido a relação entre corpo e espaço, uma compreensão ainda insipiente e aberta ao debate, visto que resultado de uma reação à provocação que o tema que me desperta.

Tomoo como ponto de partida dois pressupostos:

A) Compartilho com Massey (2000, 2004, 2008) da ideia de que elaborar conceitos é um ato de demarcar posições políticas. Para a autora, a forma como construímos os conceitos é política – e isto não tem relação com certo e errado, e sim com a nossa participação no mundo e a forma como nos posicionamos.

B) Compartilho com Haesbaert (2014, p. 91 – destaque meu) da ideia de que conceitos são mais “transformadores” do que “reveladores”, “... operam não só como produtos, mas também como produtores [produtores de novos pensamentos – de possibilidades de leitura da realidade e da própria realidade]. [Assim], [...] mais importante que a definição formal de um conceito é saber lidar com ele, entender como ele ‘funciona’ e o que pode ser ‘feito’ com ele. Assim, *os conceitos não definem seu conteúdo independentemente de seu uso em um determinado contexto*”.

Minha atitude em relação aos conceitos tem sido mais ou menos esta: eu os tenho usado... Com isto, admito a possibilidade de que o conceito de espaço possa ser esticado, alargado, usado para incorporar o corpo como espaço, embora não concorde inteiramente com esta posição.

Trago este debate pois identifico no movimento proposto pelos textos aqui apresentados um esforço intelectual de construção de objetos de estudo e de perspectivas metodológicas e epistemológicas para a Geografia, que não estavam dados na tradição da disciplina. E isto não se faz sem tensionar o que é a Geografia e seu objeto de estudo, ou seja, sem realizar um esforço de desconstrução e reconstrução do seu próprio arcabouço conceitual.

Projeto que, aliás, nos une e do qual eu reconheço a relevância política, e por isto respeito e admiro.

E aqui já coloco as primeiras questões: o ato de construir o corpo como objeto de estudo para a Geografia passa por considerá-lo como espaço? É mesmo necessário considerar o corpo como espaço para que ele possa ganhar o status de objeto digno de ser estudado pela Geografia? Subjacente a esta pergunta há outra, talvez mais relevante: é o espaço o objeto da Geografia (ou pode ele ser o nosso objeto?), ou seria a sociedade? Tendo a responder negativamente a ambas as questões.

Argumento que o corpo é espacial, mas não é espaço (assim como o corpo é temporal, mas não é tempo). O corpo *está* no espaço, não *é* espaço (distinção que não é possível de ser feita em todas as línguas, mas que em português nos é permitido), e como tal, participa da sua construção, dentro do campo de possibilidades de ação dadas pelo próprio espaço, como meio e condição. E aqui compartilho da ideia de Benno Werlen (2000), para quem o espaço não é um ente – e por isto não pode ser objeto de estudo. Espaço é uma relação, fundada na ação.

O corpo se espacializa e se historiciza em relação com as coisas e os outros. Por isso, penso que não é do nosso interesse estudar os corpos em si, quando na verdade, do meu ponto de vista, o que faz sentido é estudar os corpos em interação, a partir do que eles portam, de como se constituem e são constituídos, de como se posicionam e/ou são posicionados e o espaço que é instituído e que pode ser apreendido a partir destas relações.

A própria “sociedade de controle” atua sobre os corpos, contendo-os, atacando-os, posicionando-os, vigiando-os... E estas ações produzem o espaço em que as ações dos sujeitos corporificados são condicionadas pelas possibilidades ali existentes, ou estes traçam rotas de fuga e resistência. São relações que produzem o espaço e o espaço é o que cria a

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 02-08, jul-dez, 2019.
ISSN: 2176-5774

possibilidade das relações, já que permite o encontro (MASSEY, 2004; 2008). Os corpos não são o espaço, mas deles parte a ação que o funda.

Para dizer em outros termos: o espaço é contexto onde os corpos entram em interação e ao mesmo tempo seu resultado. Interações que podem ser de tensão e conflito, a depender do que os corpos portam e como se portam e de como estes conteúdos entram numa relação social de comunicação, em que informações circulam e são decodificadas pelos sujeitos em interação, a partir de suas posições. O espaço é o que existe entre, que permite que tudo isto aconteça e é ele mesmo produzido em ato, pela própria interação que ali (no aqui e agora do lugar?) se estabelece (TURRA NETO, 2015).

Ainda assim, como já disse, admitindo que não há conceitos fixos nem definitivos, mas pensados/elaborados em debates, inclusive como forma de demarcar posição política e realizar enfrentamentos em certos contextos de luta, de forma que reconheço que sim, é possível defender que o corpo é espaço. Contudo, argumento que talvez esta definição nos conduza a algumas armadilhas que seria bom evitar. Por isso, também pergunto:

- Qual o conceito de espaço pelo qual o corpo pode ser entendido como tal? Não estaríamos no campo dos usos metafóricos do termo (que mais podem confundir do que esclarecer e, como as metáforas espaciais – tal como alerta Neil Smith (2002) – portam visões problemáticas de espaço, próximas ao senso comum, que o confundem com o domínio da materialidade, do imóvel e do fixo, da matéria moldada)?

- Se o corpo é espaço, ele pode ser apreendido por toda “família conceitual da geografia”: lugar, território, paisagem, região, redes? (HAESBAERT, 2014; SUEREGARAY, 2000)

Assim, nada do que eu disse invalida que o corpo seja pensado como objeto de estudo da Geografia... seus usos políticos e as políticas que incidem sobre os corpos, o estudo da vulnerabilidade, da violência, da morte e da saúde e tantos outros temas, como serão desenvolvidos nos textos deste número temático do CPG. Mas, certamente, como estes mesmos textos aqui nos trazem, pensar o corpo como espaço, ou o corpo como objeto digno de interesse é um “desafio à imaginação” da Geografia Brasileira, cuja resposta ainda está para ser elaborada. E é justamente uma resposta a este desafio que os artigos desta coletânea começaram a esboçar. Passo então a apresentá-los, não necessariamente na ordem em que estarão dispostos neste número temático.

Começo com o texto “Corpos que falam: interpretações geográficas entre saúde, gênero e espaço, de Natália Alves, Mateus Pedroso e Raul Guimarães, que debate a variabilidade na relação saúde/doença e espaço conforme o gênero e a forma como sujeitos (re)configuram sua espacialidade a partir de corpos marcados sexualmente e por problemas

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 02-08, jul-dez, 2019.

ISSN: 2176-5774

de saúde. O espaço geográfico é pensado como constituído, percebido e refletido a partir dos corpos, de modo que a leitura dos corpos no espaço desafia a imaginação geográfica na sua compreensão da complexidade do real.

O artigo “O território de religiões de matriz africana como espaço marginal e possível à vivência de pessoas travestis”, de Taiane Nascimento e Benhur Costa, aborda o tema da relação de uma religiosidade marginal e uma sexualidade marginal como um encontro tornado possível tanto por esta constituição comum de uma posição à margem, quanto pelos preceitos das próprias religiões de matriz africana, para as quais o corpo que liga os fiéis às divindades é permanentemente desconstruído genericamente. Xs autorxs argumentam que os corpos periféricos encontram acolhimento em espaços que também são periféricos.

“Emoção corporificada e potência para a constituição de espaços de luta para superar a violência sexual sofrida por mulheres”, de Mayã Campos, Joseli Silva e Edson Silva, é um texto que, dentre outras contribuições, traz uma reflexão metodológica sobre o encontro que se realiza no campo, entre mulheres que compartilham a mesma dor e para quem a pesquisa, na sua relação de *fala compartilhada na entrevista*, torna-se também um momento de transcendência. A emoção produziu narrativas que seguiram um curso para além do proposto pelo roteiro das entrevistas. O texto apresenta alguns dos resultados dessa pesquisa realizada com mulheres vítimas de violência sexual. Os achados empíricos superaram o que se buscava e apontaram para questões de ordem conceitual e metodológica, como a ideia de que *o corpo é um espaço violado* e de que a reflexividade é a atitude necessária da pesquisa. A análise de conteúdo produziu redes semânticas que apontaram para o poder dos coletivos feministas no processo de cura e reposicionamento dessas mulheres diante do mundo.

Nesta mesma linha argumentativa, temos o texto “Pesquisar para transgredir: fazendo geografias feministas generificadas”, de Juliane Przybysz e Joseli Silva. Nele, as autoras apresentam uma reflexão sobre o fazer científico, a partir de uma experiência de pesquisa com mulheres prostitutas no exercício paralelo do comércio do sexo e da maternagem, ou seja, mulheres que sustentam seus filhos a partir da prática da prostituição. Assentada explicitamente na epistemologia feminista, as autoras argumentam que os dados foram produzidos pelo encontro de corpos que falam de suas posições sociais e privilégios, salientando que a pesquisa é resultado de relações sociais e como tal, envolve relações de poder. Não se trata, portanto, de uma pesquisa em que as autoras se escondem para reivindicar autoridade acadêmica, a partir da construção de uma mitológica posição de neutralidade, ou de uma fala de lugar nenhum, mas se mostram nas suas emoções, dúvidas,

imperfeições – e nas formas de lidar com elas – para falar de um conhecimento que é sempre situado.

E, para fechar o conjunto de textos para os quais o corpo tem forte centralidade, temos o artigo de Joseli Silva, Márcio Ornat e Alides Chimin – “O legado de Henri Lefebvre para a construção de uma geografia corporificada” –, que defende de forma mais entusiástica o corpo como objeto de estudo da Geografia. Para realizar esta defesa, xs autorxs partem de duas constatações, que buscam demonstrar a partir de evidências. A primeira é de que Lefebvre é um autor para quem o corpo tem relevante papel na compreensão do espaço social, ao mesmo tempo que pode ser instrumento ou ponto de partida para a luta política pela liberdade e direito à cidade e à diferença. A segunda constatação é que a Geografia brasileira, especialmente a urbana, com forte influência deste autor, fez uma leitura seletiva, incorporando mais propriamente a sua interpretação econômica do espaço e menos a sua leitura sobre o corpo.

A primeira constatação é demonstrada com uma série de passagens do próprio Lefebvre, do livro “The Production of Space”. A segunda foi demonstrada por um levantamento de dados de artigos publicados em revistas da área. Dos mais de 17 mil artigos registrados, apenas 38 falam sobre o corpo. Os usos do corpo como tema de estudo têm servido para abordar grupos sociais específicos e suas experiências. Tal cenário demonstra que há uma grande lacuna na Geografia brasileira – um amplo campo de pesquisa ainda para ser explorado.

Os demais textos fogem um pouco à esta centralidade do corpo, seja na reflexão teórica e metodológica, seja como foco dos estudos empíricos, sem, contudo, deixar de tocar no assunto. São eles:

“A cidade das mulheres feministas”, artigo de Talita Machado e Alecsandro Ratts, busca compreender as trajetórias, formas de ação e relações com a cidade de Goiânia das mulheres que se reconhecem como feministas, participantes em sua maior parte de coletivos. E este talvez seja um dos únicos pontos em comum entre as mulheres que colaboraram com a pesquisa, pois suas ações, conexões e práticas espaciais são marcadas pela diversidade, que envolve questões de classe, escolaridade e também etnicorraciais e de orientação sexual. O artigo trata assim das complexidades que perpassam a ação e organização das feministas em Goiânia e, ao abordar este caso, fala também de escalas mais ampla, seja por tratar de temas que são comuns às diversas cidades brasileiras, seja por falar das conexões destas mulheres com movimentos à escala de Brasil e de mundo.

O texto de Larissa Coutinho de Paula, intitulado “As Margaridas seguem o caminho, do campo às ruas e das ruas ao campo...”, apresenta, em forma de revisão bibliográfica, a trajetória de mobilização e luta das mulheres camponesas no Brasil. Evidencia ao mesmo tempo as recentes conquistas sociais por reconhecimento e por políticas públicas e o mais recente ainda desmonte e retrocesso de tais conquistas, desde o golpe que destituiu a presidenta Dilma Rousseff. Apesar da conjuntura desfavorável, o artigo traz esperança, pois reconhece que, mesmo diante das atuais adversidades, as mulheres do campo continuam na resistência, organizando novas manifestações pelo país.

Também neste segundo conjuntos dos textos, situo “Gênero e trabalho na produção do espaço: as mulheres do café na periferia urbana de Vitória da Conquista – BA”, de Maria Franco Garcia e Jemeffer Souza Lebrão, que apresenta a trajetória de expansão e consolidação da agroindústria do café no Planalto de Conquista e a paralela formação da periferia pobre da cidade de Vitória da Conquista, do ponto de vista das trabalhadoras que viveram este processo. Migrantes, esposas empregadas pelo contrato familiar – cujo titular é o marido; meninas que desde cedo lidam nos cafezais; adolescentes e jovens que se tornam empregadas domésticas na cidade, em troca de alojamento na casa dos patrões, como forma de continuar os estudos, são todas elas trabalhadoras, que sofreram na pele a combinação da dupla condição subalterna de classe e de gênero, materializada na remuneração inferior à dos homens e no trabalho degradante e pouco valorizado. São memórias de trajetórias de vida que vão compor a periferia urbana da cidade. Assim, o artigo faz um esforço tanto de questionar as “análises a-generificadas do espaço urbano”, quanto de dar corpo, voz e sentimento para a produção desse espaço.

Sendo estes os textos desta coletânea do CPG, espero ter feito jus à tarefa que me foi atribuída e também aos próprios artigos na apresentação que aqui foi feita. Também espero que xs leitorxs possam encontrar nestes textos inspiração para tensionar, debater e continuar este projeto intelectual de desafiar a imaginação geográfica.

Boa leitura.

REFERÊNCIAS

HAESBAERT, R. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 02-08, jul-dez, 2019.
ISSN: 2176-5774

_____. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia**, Niterói, ano 6, n. 12, p. 7 – 23, 2004.

SMITH, N. Geografía, diferencia y las políticas de escala. **Terra Livre**, São Paulo, Ano 18, n. 19, p. 127-146, jul./dez. 2002.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. In: SUERTEGARAY, D. M. A. et al. (org.) **Ambiente e lugar no urbano: a grande Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2000, p. 13-34.

TURRA NETO, N. Espaço e lugar no debate sobre território. **Geograficidade**, Niterói, v.5, n.1, p. 52 – 59, verão de 2015.

WERLEN, B. Regionalismo e sociedade política. **GEOgraphia**, Niterói, ano II, n. 4, p. 7 – 25, 2000.